

Anno 10\$000
Semestre 9\$000
Trimestre 5\$000

Escritorio: 70, Rua do Ouvidor 70.

Anno 20\$000
Semestre 11\$000
Trimestre 6\$000

ANNO VII

RIO DE JANEIRO, 13 DE NOVEMBRO DE 1875

N. 322

IMPEDIENTE

Agradecemos a oferta de exemplares das seguintes publicações, com os finos brindados:

Ao Sr. B. L. Garnier — *O Ciu e o Inferno*, em a Justiça Divina segundo o espiritismo, por Allan Kardec. O facto d'este livro ser traduzido prova que entre nós ha muita idiota, e o de ser traduzido da quarta edição — que por lá tambem os há.

Ao Gr. Or. do Brazil (*Lauréado*) — O seu n. 10, relativo ao mez de Outubro proximo passado. Em um dos artigos da sua *Sociedade Dynastica* occupa-se do levantamento dos interditos.

Ao Sr. Dr. Pires d'Almeida — *Martyrs da Vida Intima*, collecção de photographias de typos enojadas.

Ao Sr Dr L. F. da Veiga — O seu *Pegueno Dicionario* dos nomes proprios mais usados ao Brazil e em Portugal, com a respectiva signalização. É um livro muito curioso, com o auxilio do qual se fica sabendo que *Jolo* quer dizer *chão de grupo*. Exemplos: *Jolo Cesara* — Censura chão de graca.

Sr M. Perrini — Não tambem o amamos, e em nossos amavelis creações acordaram echos admoestados as phrases ternas da sua carta. No mais, o Sr está perfeitamente em erro.

Sr Pin — Bom, mas excessivamente longo. E então hoje que estamos tão aqui . . .

Sr J. Catriná — Apesar dos pesares . . . o Sr não terá adivida de memos?

Sr E. J. — Do seu escripto cortamos, conforme nos autorisamos, e que não prestava. Ainda assim, ficou o titulo e a assignatura.

Errata importante

No tribid publicado no nosso n.º meo de sabado passado ha um pequeno erro que se apresso em rectificar. Onde se lê:

Tens o credito abalado!

deve ler-se:

Tens o moral abalado!

Da resto, o leitor já devia ter reparado que, de Jolo Cesara não se podia dizer que tem abalado — o credito.

Boa.

A queda de um rei

O titulo d'este artigo denuncia uma téia politica com vislumbres republicanos.

Não se atemorizem os monarchas sem os monarchistas, e leiam o que lhes vem contar.

Era uma vez um homem, que morava em certo logar da França. Tinha uma constituição forte, robusta como homem do campo que era. Adoeceu um dia, sem mais nem

menos, e não havia medico que lhe desse volta á sua paralytica que lhe amargurava a existencia, e lhe angustia a fé, unica luz que ainda allumava aquella creche quasi perdido para a razão e para a vida.

Passaram-se annos e o homem tornou-se velho, coisa allás muito natural.

A medicina nada mais tinha que fazer diante d'aquella fatal insensibilidade, e aconselhou-lhe, por demais, a tomar os banhos, de uma agua que tambem existia em outro certo logar. Assim se fez.

Carregado o infello deante até o sitio em que devia ser péto de molho, appareceram logo por alli, sem se saber como, sua padrea que foram para o misero uma especie de sajos censuradores. A palavra inspirada dos santos apóstolos da verdade, era de um grande limitivo para o pobre velho, que já não queria ninguem ao pé de si sem elle.

As vizes chegava a surtir-se e a sentir uma allégria indisciplinada. Nestes momentos alguns circumstantes, que alli estiveram, ouviram estas palavras do velho: Ah! medico, medico, que não passava de seus charlatães, havendo de vê-lo me depois do meu primeiro banho.

Chegou o dia designado para a cura que os pedres já previam d'ante-mão e de que se concepo logo a fallar pelos ardores.

Assim a agua genta para presenciar o espartado, e o pobre velho, que para alli estaria no desamparo, se não fosse o carinho com que o tratavam os bons apóstolos da religião, e o cuidado com que o subtrahiam aos olhos estranhos, o pobre velho foi transportado n'um carro para a fonte e ali mettido nella pelos seus sajos tutelares.

Não se descreve o que então se viu!

Aquelle velho, alquebrado pelos annos e subjogado pela triste doença, que elle via matar-lhe o corpo pouco a pouco, redimido e á insensibilidade da sua esdruva, começa a dançar dentro d'agua e a fazer uns trepícios que qualquer christão não faz que primeiro haja aprendizagem gymnastica.

Toda a gente que alli estava parecia assombrada por um ralo. Não uma palavra, nem um movimento, zero nada!

Si o homem dançava e cantolrava, erguendo as mãos para o céu.

Os santos padres tambem estavam unidos, reflectindo talvez sobre o caso, em esperando que o desastro aquillo seachasse aquelle edificante espectáculo.

Não tardou a sanhar, e um dos padres disse, pondo os olhos sobre o nuro velho que estava por tras das lumbas:

« Meus filhos, ajelhal todos, que somos elleos humanos »

« viram um milagre assim. Se vos não satisfaz a prova que »

« ali tendes diante do vó, de um velho paralytico ha tantas »

« annos, e que está cheio de saúde agora, olhai e vó »

« sobre aquelle nuro a indecisa apparição de um velho, que »

« eu, que todos não adivalhamos que é sem mais cause. »

« Milagres d'estes não vêm sem mais nem menos, alguns »

« os cria. »

E todos ajoelharam.

Este acontecimento passava-se na fonte de Lourdes. No dia seguinte o milagre corria de boca em boca, e a alguns podia contar-se porque a verdade tinha-se introduzido pelos olhos de todos.

Si uma coisa somca se averigou. E é simples. Foi o que fizeram os padres do paralytico—do verdadeiro paralytico, não do falso—que nunca mais ninguem soube do seu ralo, nem qual foi o seu fim.

Desappareceu como se viaesse, sem se saber para onde. Se o milagre nasceu de um crime, é porque o que a não parece um crime não é realmente, é á verdade revelado, é o creador trabalhando na grande obra da criação, extinguindo o vivificante no mesmo tempo a creatura.

Seja como for é um milagre que nasce e um homem que morre.

Já vimos que não é politico este conto, mas o que é certo é que ha em todo isto um rei desalido.

Ayer dizia-se o rei das enras radicadas, quando de repente surge a agua da fonte de Lourdes.

A queda d'aquella monarcha dos nossos estomagos e do nosso sangue, é um facto sem contestação diante de uma gurefá da miraculosa agua.

Lourdes vence Ayer! Viva Lourdes! E abaixo a Salsaparilla.

ROBERTO PINTO.

Errata mais importante

Na errata publicada na 1.ª columna de nosso numero do hoje ha um pequeno erro que não posso deixar passar alidade.

Uma referenda a Jolo Cesara, se não pôde dizer-se que tem o credito abalado, muito menos se pôde isso dizer do moral.

O leitor já devia ter reparado que se Jolo tem alguma coisa que possa soffrer abalo, não é o seu credito — nem o — moral.

Boa.

Um bom conselho

É grande, é enorme o peso da responsabilidade que sobrecarrega os politicos lambros de Suas Senhorias os Srz juizes das espectaculos no Alcazar e no Casino. Não era preciso tanto para recomendar á posteridade, qualquer cidadão que não tivesse como S. Sa. outros muitos e variados titulos á admiração dos v. Saos. A responsabilidade de qualquer general commandado á mais renhida batalha, é nada comparada com a responsabilidade que cabe a Suas Senhorias, quando occupando os seus camarões, revessando a vara da justiça com os chapéus de chova.

Suas Senhorias tem em primeiro logar da velar pela ordem publica e de decidir as contendas entre os espectadores e os periticos. Mas esta é a parte mais leve do despenhamento de suas arduas missões. A mais difficil, aquella que faz suar os tapetes de S. Sa. é a que lhe foi confiada pelo Dr. Jolo Cesara, que não podendo comparecer em todas os espectaculos para vigiar como os seus cães são executados, delegou em Suas Sa. a attribuição de o fazerem com respeito ás peças do Alcazar e do Casino. Esta delegação, ao que parece muito simples, produziu o mais estranho resultado no espirito dos dois integros magistrados. E isto pelo mais natural dos motivos,—porque — S. Sa. não sabem o francez.

Jolo Cesara reconheceu a impossibilidade em que estavam os seus delegados de velarem pela excepção das sentenças do Conservatorio; mais depois de muito pensar, descobriu a maneira de saldar da difficuldade — resolveu aproveitar algumas horas de desamparo volvidas á litteratura, para ensinar os dois juizes, que de tempos abertos accierram tão allanado professor.

Compararam grammaticas, dictionarios, uma guia de conversação, uma pasta, e uma correa para apertarem tudo isto, e lá iam todos os dias os juizes para a lição.

Jolo Cesara explicava, entendia os belicos para pronunciar o v francez, mettia feijões nas narinas para ter a pronuncia nasal, mas os dicipulos a nada se moviam: era como se não fizesse nada com elles, e os noivos juizes que nada entendiam de dia, fugiam á noite que pareciam tudo quanto se aristas d'um sem palo. Veis porém, a multidão que está dos *Lauréados* e o nosso Jolo que empregou

todos os meios para fazer respeitar a sua sentença, vicia malogrados os seus esforços, pois que em cada mesa de dois theatros se representaram na mesma noite, o drama — *Os Lascrivosos* que tantas inoâmias tem causado a João Censura.

E triste, e exquisto culpa, que uma auctoridade, não por mais por alheia culpa, veja assim desmoronada a sua obra de legalidade. Mas por outro dia se lá vão: — porque lá vão cada madrugada os seus discipulos, ainda quando elles apenas hollucivam um timido sorriso! Pola não sahias Censura, que, desde que os artistas se crechem eam que os juizes do theatro a respeito do francez, estarem descalços, se precipitaram d'isso para lhe fazerem uma partida? Oh! i precipitaram, he! distrações laustimantissimas! Não somos demoucladores; porém o delicto é de tal gravidade, atae lá infremente a auctoridade do mesmo João (Censura), que não, que fizesse cumprir os seus crimes porque a elle assistimos, não podemos deixar de o levar ao conhecimento de Censura (João). O attendedo, foi o seguinte:

Em um dos dias da semana passada, os artistas francezes, aquelles etheros *Magnus*, combateram-o e representaram, os do Alcazar — o drama os *Lascrivosos* — com a musica e os fatos da *Givréty*, e em do Cusiano, da mesma forma representaram o dito drama, com a musica da *Helio Jodel*.

E assim se illudiu uma dia mais sahies resoluções dos ultimos tempos. O publico perbeou a multidão e applaudiu a. Os juizes dos theatros tambem applaudiram; e não mais perberam.

E para que tão indecoroso facto se não repita, nós que moremos de amores pela lei justa e sabias, sujeitamos á agração do governo do Estado, os seguintes advites:

— Ou que sejam nomeados para presidir aos espetáculos do Cusiano e do Alcazar os seguintes dos theatros:

— Ou que os actuaes juizes, sejam matriculados nas aulas noturnas do Lyceu d'Artes e Officis, afim de que se habilitem a executar as determinações de João Censura.

J. RIGANDO.

Errata ainda mais importante

A errata lacerada no 2.º columna do nosso numero de hoje nada esclarece quanto a João. Diz apenas que de João não podem ser abalados nem creditos nem moral.

Agora melhor informado, cabe-nos o dever de declarar que de João Censura o que soffre abalo — foi o nielo.

Boa.

Mais cara a mecha que o sebo!

(Responda da noletia a não sorriso da cur.)

Todos os dias os jornais registram os mais audaciosos roubos na corte do Rio de Janeiro!

A cada uma d'essas noticias responde um obra de lametações por parte dos habitantes d'esta infeliz capital!

Este uniao, cujo exemplo devia a perder de vista a mais disciplinada orchestra, é sempre resultado — ou das tristes recordações de um que já foi roubado — ou da affectiva convicção de outro, que mais tarde ou mais cedo o deve vir a ser!

Pois bem, todos esses que choram, que se lamentam e que amaldiçoam os racioneiros, que attentaram ou hão de attentar contra a sua propriedade, não ouchosem, nem de longe, a verba em que realmente são prejudicados!

Estabelece-se a hypothese, allis muito moderada, de que entre cada cem habitantes d'esta malaventurada capital não são menos d'elles roubados durante o anno. Tome-se para base do nosso calculo, ainda com a mesma moderação e imparcialidade, que a media das quantias, que violenta e directamente nos roubam, ascende a cem mil réis por individuo que annualmente é dilapidado. Arrondado-se, para facilidade de calculo, a totalidade da população do municipio nostro; e, depois de collocarmos estes dados estatisticos, vejamos quaes é o resultado final do eloquento e inexoravel linguagem arithmetica.

A resultante, a qual tanto nos faz chorar e dar suspiros não, é por fim de contas bem mesquinha e pequena.

Figue sabendo a população do municipio nostro que tanto alludido tem feito contra a nobre classe dos racioneiros, que elles apenas nos custam um prejuizo annual de 261 réis por habitante!

Is lá se vê que a somma é desmuntissima e que, para sermos equitativos e justos para com os conscienciosos, que nunca favorecidos da sorte tem sido victimas dos froucos arroubos do alheio, não tilhamos nada de que chamarmos os gatinhos e porphyres um convulsio, pelo qual mediathe a entrega immediata dos 72 contos annuos (quantia que seria recolhida *pro rata* entre toda a população e que com

ajuxta desigualdade finta apenas os mais locustos) e registrar nos, por uma vez, e por todo o anno para com a honrada e activa classe dos larpigos!

Em resumo os habitantes do municipio da cite pagam á quadrilha de salteadores, estabelecida entre nós, a dimunta quantia de 72 contos de réis annuos ou 261 réis por cabeça.

Is lá se vê quanto nos custa o flagello, vejamos agora quanto nos custa a corte.

A policia da corte custa mais de dois mil contos de réis, isto é 27 vezes mais do que os ladroes.

Para garantir ou fugir que se garante a propriedade de cada habitante da capital depende-se uma somma de 7272 réis por cada um; o que quer aizer que nos custa mais a protecção do que o roubo a insignificante quantia de 7011 réis por cada anno e individuo.

Como pertae a policia, criada para mansuetar as quadrilhas de salteadores, os deixa por ahí muito livremente, attizando contra a propriedade, sem sequer poder-lhes ao menos reduzir o numero, elegamos á desoladora conclusão que somos prejudicados por ambos; — isto é que nos custa a cada habitante por anno:

A quadrilha de gatinhos	6261
A policia da corte	7272
.....	7253

Ora nós não desejamos prejudicar os interesses da honrada classe dos gatinhos, tanto mais que se alguns policios não lhes têm feito uma guerra de extermio tem-lhes feito pelo menos uma guerra de concorrencia; mas, visto que não é proprio de uma capital, sem compatível com os recursos financeiros da população, a existencia d'estas duas grandes pestes, uma em face da outra, em continua aposta da qual nos ha de surgir mais sangue — nós lembramos que talvez fosse conveniente prescindir-se de policia de dois milhos... o menor.

Sendo assim — nós, d'essa data em diante, cullender-nos imos directamente com os ladroes.

I mos nós mesmos pagar-lhes o tributo dos 72,000\$, conseqüido por este processo não se dá perfeita igualdade de distribuição do imposto pelos habitantes; como tambem a justa repartição por todos os dignos membros da confraria.

Quando, por acaso, fizessem assaltados e delapidados a uma semana que, para isso descerem essa verba da totalidade do imposto que annualmente pagamos? Como os prejudicados eram os dignos assaltados e delapidados que elles mesmos se encarregavam de policiar, o que lhes devia ser extremamente facil visto o grande numero de individuos desarmados que a extirpção dos corpos policios devia produzir.

Devemos confessar é verdade que ficavamos sem ter quem de vez em quando nos fosse ao lombo, nos decomposse, ou se mo quanto nos retaliasse ás cutialdas como qualquer primo selvagem que, sempre, pelo pagamento a boas medidas conseguimos levar os nossos honrados gatinhos á perificação de nos administrarem algumas vezes quando d'ellas carecemos, e que devia forçosamente succorver visto os mais habitos em que nos põe a policia!

Feitos a consideravel economia adoptando-se o nosso projecto, iriam esses fundos applicar-se em envistidos edificios para escolas e mesmo azylos para os gatinhos invalidos; viveriam em perfeita harmonia o atrezo, o que a assencia da policia devia necessariamente trazer.

A classe dos salteadores devia registrar-se com certezas, e quem se não chegaria a ser benquistado e a merecer o perillo do honra.

Enquanto ao preldio de Deus, era em elle quasi certo, que nunca faltas os maiores peccadores; mas em todo o caso havia o recurso de obter-o pouco a pouco, ás fracções de 100 annos — robandoo de vez em quando a'gun policia!

ALFREDO RIAND.

Errata cada vez mais importante

A errata a que se deu espaço no 4.º columna do nosso numero de hoje não se não esclarece a questão, mas cada vez se enburla mais.

O nielo de João Censura não soffre mais abalo do que o seu credito ou o seu moral. Agora mesmo recebimos communiqueção de que João Censura não tem nielo.

Boa.

SALPICOS

Anda em honra á procura de assumptos a que se agarre para sair de conversas com o *perco gordo* e outras vulturas sem o, e não ha mais. Quando não é pelas trellas é pelas malhas. Devemos confessar, não que succedemos nos felizes azyrias, que aquelle pouco é a nossa corte de cocca.

E d'ahi, se me dão licença, emendo a comparação. Aquella corte assume uma attitude tão de nanto de sono, que já não é todos os dias que um cidadão pode care-

gar-se ás delicias do hife de gralha e ás seducções do chorrasco de viãa d'alhos.

Á providencia — que se não dá — em breve tornará mais um objecto raro para enriquecer algumas colleções tão altamente apreciadas pelo professor Wisner: a sua naça de alcaez, omhambada pelo Dr. Costa Ferraz, em algum momento robanda ás suas linoações politicos-jockey-cyclod-religiosas.

O que ainda torna mais de lustrar este remontar de curra fresco a alturas hyperbolicas é que não podemos appellar para a azeza.

Por espirito de imitação ou por qualquer outro motivo, este mastigar que um certo numero de vens tem a sua materia prima nos cavallos da Patagônia, não tardará que fiquem em uma fabula sem moralidade em que o personagem principal tenha de exclamar:

As estacas accoz... tillo verdo.

Verdes como os bondes de Santa Theresz.

Os como as capas do primeiro Rio de João Censura, impresso na Typographia Nacional, e destinado não só a elevar o nivel das nossas letras, como a proporcionar ás pessoas que tem negocios em certas repartições, occasiao de prestar servico as mesmas — ás mesmas letras, bem attendido.

Mas enfim já temos uma typographia nacional onde se possam executar obras com certa perificação. Não será muito honorifico, mas honra, não ha muito tempo a affirmar o azezo. No livro a que se refere sempre se ella, já os ensemos.

Ha de ganhar muito com isso.

E como aquelles que reclamam contra a inexistente perificação da Illustrissima.

Estão aviedos. Podem clamor e robar bem á sua vontade, se conseguirem alguma coisa que não seja uma reconderecencia de demozido, dos linceos que se fapam tudo quanto quizerem, inclusivemente concludar n'uma frequencia de vigaria gordo e frequencia pobre.

Desse tempo até que me sumdos commandados em villos, como que exclusivamente os credito não posto em terras pelas folhas diarias, ou que se convencia da utilidade de haver um inspector da alfandega, não são diarias — sem remedio — as quinze centos os guardas, e contra uma capelle de aguzaria que estão nos cios de decumbar, e revistam os objectos de uso que aos passageiros dos paquetes é lito trazer consigo para terra, isso com o consentimento e autorisado do officio que está de vigia a bordo.

Um facto que o sebo multissimo extravagante, e o qual não a maliciar ha bons tres milhas dias é a nomeação do Sr. vicomde de Rio Branco para membro honorario da academia das Bellas Artes.

Segundo noticia a *Gazeta*, foi offerecido áquelle estadista um busto de marmozem com que de Italia o ministrozaram diversos cavalheiros, advidores da sua pessoa. Mas esse busto não é Sr. Exc. quem o fez e por conseguinte cecossamente se pode crer que seja esse presente o motivo d'aquelle diploma.

Em todo o caso, se, como aqui ha tempo em fi a cada do mesmo modo, Carneiro-gordo viram uma dacia de photographias, acho que não me podem recusar um diploma, a mim, que tambem sou filho de Deus.

E verdade que o Sr. Rio Branco é um grande artista, e tão artista que tendo varias vezes creado *as sortis*, ainda a platia se lembra d'ellas com vive saudade.

Mas é que arte artista, o Sr. Rio Branco!

Nunca perdia o primo, nunca deixava de sorrir, nunca se esquecia da galria. E que dignidade! Até no calh' tina grapa.

Se como por ahí se diz, o risinho estadista voltar para o poleiro, sempre lhe digo que não ha fogueiro pobre, mesmo que ha bagagem de Sr. Exc. tenha de vir o Sr. Duarte d'Alvaredo.

Depois do actual Sr. Diogo Cans-Linds!

A propósito: não sei se já sabem do projecto de proccaa a este seu artigo por causa das *Lascrivosos*. Depois conversarmos a carta respalda, por enquanto ainda estamos no proficio. Contado, por antecipaço, desde já me assigur.

ATARIASIO BOA.

Á ultima hora

Não é ex cetero o Sr. Dr. Ferruzza Vianna detizasse a redacção do *Diario da Rio* para vir occupar o lugar de chefe de redacção do *Mosquito*.

Typ. da — GAZETA DE NOTICIAS — rua do Ouvidor n. 70.